

Interview With Eva Schloss

Entrevista com Eva Schloss

Joyce Rodrigues* entrevista Eva Schloss**

Eva Geiringer Schloss é austríaca, nascida em Viena em 11 de maio de 1929, judia e sobrevivente da Shoah. A autora, atualmente aos 95 anos, tem publicados dois livros de memórias sobre a Segunda Guerra Mundial, ambos categorizados no gênero autobiográfico. Neles, ela retoma suas lembranças dos horrores dos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau.

Esta entrevista, realizada, no ano de 2021, via e-mail, foi concedida pela autora para minha pesquisa de doutorado, em que dedico um capítulo ao estudo de sua obra.

A tese, intitulada “Narrativas autobiográficas: memórias de mulheres sobre a Segunda Guerra Mundial” traz apontamentos significativos sobre as experiências de Eva Schloss nesse período, inclusive sobre sua vivência e de sua família em campos de concentração e extermínio nazistas. Sua contribuição foi fundamental para que o trabalho de pesquisa sobre suas autobiografias pudesse ser complementado pela sua própria “voz” escrita. Primeiramente, as perguntas estão em sua versão original, em inglês. Na sequência, encontra-se a versão traduzida por mim para o português.

...

Joyce Rodrigues – You published your first autobiography in 1988 and, in 2013, published a second one. What motivated you to write a new edition of your story?

Eva Schloss – I actually wrote 3 books. The second is called *The Promise*, it is about what my father promised to my brother. It is a book for young people. Very meaningful and my favorite. TRY TO GET IT. The third book I was commissioned by the punisher and I really did not want to do it at first.

Joyce Rodrigues – You had to run away from Austria, your homeland, passing through Belgium before settling down with your family in Amsterdam. Then, you were deported to Poland until the Soviets freed Auschwitz, when you made a journey through Russia and other European countries until you returned to The Netherlands. Later, you settled in England by choice. What impact of these forced displacements on your life and why was London your chosen “adopted” land?

* Professora do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Letras: Estudos Literários pela UFMG.

** Escritora, educadora e sobrevivente da Shoah nascida na Áustria.

Eva Schloss – That is a very complicated question. All my experiences changed not only my life but also my character. I was an easy-going child, very happy, uncomplicated, not interested in learning or studying, but sporty and fun. I became withdrawn shy and sad. But in the camp, tuff and determined to live and never giving up. After the war I became shy and withdrawn. I had lost all my confidence but determined to get married and have a family. I never spoke about my experience till 1986. After a while I got back my original character but became also quite intellectual. England was not my choice, but my husbands, as he got a good job there. He really wanted to go back to Israel, but I did not.

Joyce Rodrigues – What are the impasses when writing your memories so long after having lived your experiences of war? At some point during writing, did you find yourself facing the border between autobiography and fiction?

Eva Schloss – As I had never talked about my experiences, it was like engraved in my memory. I saw everything all the time in my memory in front of me, so it was very easy to write about it.

Joyce Rodrigues – What is your relationship with literature in general? Have you had any inclination towards literary production in other genres, those that are properly fictional?

Eva Schloss - I have become a fanatical reader, when before the war I hated Reading, but I have no inclination to write more. However, I have an enormous correspondence with friends and fans all around the world.

Joyce Rodrigues – Do you think that the practice of writing your traumatic experiences, the elaboration of facts through autobiographies, worked as a therapeutic resource for a possible overcoming of memories of violence?

Eva Schloss – I think in general, speaking about problems or experiences of all kinds is very important to digest the things which have happened to you, or what is bothering you and causing you problems. When I give talks in the US I always get ask: Did you have had counselling after the war? No, of course not, that was not an option in Europe in the 1940sh. But I know now that if I would have had help, then it would not have taken me 40 years to accept my suffering.

Joyce Rodrigues - In your first book, you dedicate two chapters to your mother's writing, and also a post scriptum. So, I would like to know why did you include these texts in your autobiography? Was it a way of giving Mutti a voice?

Eva Schloss - Of course my mother's story was an important part of my story because had she not survived, I certainly would not have made it. So, when my editor read the book, he suggested that my mother should write her own experiences which were of course even more detailed. Than I had written.

...

Joyce Rodrigues – A senhora publicou sua primeira autobiografia em 1988 e, em 2013, publicou uma segunda. O que a motivou à redação de uma nova edição de sua história?

Eva Schloss – Na verdade, escrevi três livros. O segundo se chama *A promessa*, é sobre o que meu pai prometeu ao meu irmão. É um livro para jovens. Muito significativo e meu favorito. Tente consegui-lo. O terceiro livro foi encomendado pela justiça e eu realmente não queria fazer no começo.

Joyce Rodrigues – A senhora precisou fugir da Áustria, sua terra natal, passando pela Bélgica até se estabelecer com sua família em Amsterdã. Depois foi deportada para a Polônia até que os soviéticos libertaram Auschwitz, quando fizeram uma jornada pela Rússia e outros países europeus até chegar de volta à Holanda. Posteriormente se estabeleceu na Inglaterra por escolha própria. Qual (ou quais) o (s) impacto (s) desses deslocamentos forçados em sua vida e por que Londres foi sua terra “adotiva” escolhida?

Eva Schloss – Essa é uma pergunta muito complicada. Todas as minhas experiências mudaram não só a minha vida, mas também o meu caráter. Eu era uma criança tranquila, muito feliz, mas não era interessada em aprender ou estudar, era mais esportiva e divertida. Eu me tornei retraída, tímida e triste. Mas no campo, estava determinada a viver e nunca desistir. Depois da guerra eu me tornei tímida e retraída, eu tinha perdido toda a minha autoconfiança, mas estava determinada a me casar e ter uma família. Nunca falei da minha experiência até 1986. Depois de um tempo voltei a ter minha personalidade original, e me tornei bastante intelectual. A Inglaterra não foi minha escolha, mas do meu marido, pois ele conseguiu um bom emprego lá. Ele realmente queria voltar para Israel, mas eu não.

Joyce Rodrigues – Quais os maiores impasses ao escrever suas memórias tanto tempo após ter vivenciado suas experiências de guerra? Em algum momento durante a escrita se viu diante da fronteira entre autobiografia e ficção?

Eva Schloss – Como eu nunca tinha falado sobre minhas experiências, foi como gravado em minha memória. Eu via tudo o tempo todo na minha memória, na minha frente, então foi muito fácil escrever sobre isso.

Joyce Rodrigues – Qual sua relação com a literatura de modo geral? Já teve alguma inclinação para a produção literária em outros gêneros, aqueles propriamente ficcionais?

Eva Schloss – Eu me tornei uma leitora fanática, e antes da guerra eu odiava ler. Mas eu não tenho nenhuma inclinação para escrever mais. Entretanto, eu tenho uma enorme correspondência com amigos e fãs em todo o mundo.

Joyce Rodrigues – A Sra. acha que a prática da escrita de suas vivências traumáticas, a elaboração dos fatos através das autobiografias, funcionou como recurso terapêutico para uma possível superação das memórias da violência?

Eva Schloss – Eu acho que, em geral, falar sobre problemas ou experiências de todos os tipos é muito importante para digerir as coisas que aconteceram com você ou o que está incomodando e causando problemas. Quando eu dou palestras nos EUA, eu sempre recebo essas perguntas: Você fez terapia depois da guerra? Não, é claro que não era uma opção na Europa na década de 1940, mas eu sei agora que se eu tivesse tido ajuda, eu não teria levado 40 anos para aceitar o meu sofrimento.

Joyce Rodrigues – Em seu primeiro livro, você dedica dois capítulos à escrita de sua mãe, e ainda um *post-scriptum*. Então, eu gostaria de saber por que você incluiu esses textos em sua autobiografia? Foi uma forma de dar voz à Mutti?

Eva Schloss – Claro que a história da minha mãe era uma parte importante da minha história também, porque se ela não tivesse sobrevivido, eu certamente não teria conseguido. Então, quando meu editor leu o livro, ele sugeriu que minha mãe escrevesse suas próprias experiências que eram, naturalmente, ainda mais detalhadas. Então, eu escrevi.

Referências

SCHLOSS, Eva; KENT, Evelyn Julia. *A história de Eva*. Tradução: Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SCHLOSS, Eva. *Depois de Auschwitz*: a história real e emocionante da meia-irmã de Anne Frank que sobreviveu ao Holocausto. Tradução: Amanda Moura. São Paulo: Universo dos Livros, 2018.

Enviado em: 10/09/2025

Aprovado em: 30/10/2025